

A decisão pela maternidade entre o impessoal e o próprio:
uma visão desde a psicologia fenomenológico-existencial

The decision for motherhood between the impersonal and
the proper: a view from phenomenological-existential
psychology

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo

Universidade do Estado do Rio de Janeiro -UERJ¹

Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro -IPEN

63

Valéria Rangel Monteiro

Psicóloga Especialista na abordagem Fenomenológico-Existencial e em Reprodução
Humana Assistida; Pesquisadora Voluntária do Projeto de Extensão

LAFEPE/UERJ²

Roberto S. Kahlmeyer-Mertens

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE³

RESUMO

O artigo tem por tema a decisão pela maternidade segundo uma interpretação fenomenológico-existencial. Questiona se a decisão de mulheres ou casais por ter filhos é promovida por uma posição própria em face dos sentidos da existência ou se ocorrem mediadas por uma diretriz impessoal. O enfoque é o de uma psicologia fenomenológico-existencial, como o fornecido pela filosofia heideggeriana. Julgamos poder sustentar que é significativa a recorrência de escolhas que transigem com demandas estranhas ao sentido de sua existência, como as exigências familiares e as pressões sociais.

¹ E-mail: ana.maria.feijoo@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3064-3635>

² E-mail: valms@yahoo.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-6948-1302>

³ E-mail: kahlmeyermertens@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8572-8302>

PALAVRAS-CHAVE

Psicologia fenomenológico-existencial, maternidade, decisão antecipadora

ABSTRACT

The article's theme is the decision for motherhood according to a phenomenological-existential interpretation. It questions whether the decision of women or couples to have children is promoted by their own position in the face of the meanings of existence or whether it occurs mediated by an impersonal guideline. The focus is on a phenomenological-existential psychology, such as that provided by Heideggerian philosophy. We believe we can sustain that the recurrence of choices that compromise with demands that are foreign to the meaning of their existence, such as family demands and social pressures, is significant.

KEYWORDS

Phenomenological-existential psychology, motherhood, anticipatory decision

INTRODUÇÃO

Almeja-se compreender a decisão pela maternidade por meio da psicologia fenomenológico-existencial, com enfoque fornecido pelo filósofo Martin Heidegger. O tema adentra à investigação pelas inquietações decorrentes da experiência profissional de uma das autoras, no tempo em que atuou como especialista num centro de infertilidade, ocupação relacionada à avaliação psicológica de quem buscava o método da reprodução humana assistida.

Na práxis psicológica, identificou-se que número considerável de candidatas a mães⁴ ao serem questionadas sobre as motivações da escolha, a atribuíam a algo como uma *ordem natural da vida*, já que estavam casadas e seria normal engravidar, segundo o pressuposto de que toda mulher quer ser mãe. A escuta terapêutica logo focalizou as motivações do casal candidato e, especialmente, da pretendente a mãe àquela escolha. Assim, acompanhando o fluxo intencional das vivências dos atores, buscando nelas o sentido de suas falas, identificamos que estes nem sempre manifestam o desejo espontâneo pela maternidade. Havia situações nas quais estes não conseguiam sustentar suas posições singulares, cedendo à demandas extrínsecas ao sentido de suas próprias decisões, ao exemplo: atender aos anseios da sociedade, fazer a vontade do marido ou de parentes. Essa interpretação, por impressões preliminares, justificou a necessidade de desenvolver olhar focal sobre os sentidos e significados do fenômeno da maternidade.

O objetivo é analisar se a escolha pela maternidade se dá segundo a mencionada ordem natural ou se acontece como decisão face às possibilidades da existência, como descrita na analítica existencial heideggeriana. Questionamos: *Como a experiência da maternidade pode ser pensada como decisão pela abordagem fenomenológico-existencial do filósofo Martin Heidegger?* Entre nossas metas, cabe caracterizar a existência humana

⁴ Por mais que lidando, na maioria das vezes, com casais, nossa pesquisa se ocupou prioritariamente da parte feminina, opção metodológica que se justifica por ser público com acesso mais imediato.

como dinâmica de realização de possibilidades, já que, para Heidegger, o humano é livre para assumir suas possibilidades de ser quem é. Para Heidegger (1927/1977), no jogo da existência, o humano é quem *se* escolhe desde um horizonte de mundo que se lhe abre compreensivamente; nesse ele pode existir de modo a apropriar-se ou expropriar-se de si. O trabalho considera esse contexto de possibilidade da existência humana, bem como o traço existencial constitutivo de ser na iminência do próprio ou de decair na impropriedade da mediania e do impessoal.

Para tal tematização, garantindo bases para a interpretação das situações clínicas que relatamos, teremos a obra “Ser e Tempo” de Heidegger (1927/1977). Esta clarifica o fato de o filósofo jamais considerar o humano como um ente de propriedades dadas (mesmo quando estas são vistas no campo psicológico em figuras como as de subjetividade, ego, pessoa...). O filósofo toma o humano desde a maneira mais imediata de sua existência, tal como na cotidianidade mediana. Adiante indica ligações desse com uma conduta-padrão característica do comportar-se médio. Procurando compreender a implicação dessa conduta cotidiana e impessoal sobre os sentidos da existência do humano, antevemos o quanto estas não provocam dor e sofrimento nos indivíduos. Ao lado do aporte teórico fornecido por “Ser e Tempo”, analisaremos a matéria empírica oriunda de experiência no campo da clínica psicológica.

A FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL A SERVIÇO DA PSICOLOGIA

A psicologia fenomenológico-existencial – como reconhecem Dastur & Cabestan (2014/2015) – conta com incrementos trazidos pela filosofia de Martin Heidegger (1889-1976). Motivado pela tarefa estritamente filosófica de recolocar a pergunta fundamental pelo ser, Heidegger viu-se premido a desenvolver uma filosofia da existência denominada *analítica existencial* (*Daseinsanalytik*). Esta foi proveitosamente apropriada, a seus modos, por psicólogos (também psiquiatras) com viva preocupação existencial, como são os casos de Ludwig Binswanger, Viktor Gebattel, Medard Boss e Viktor Frankl.⁵

Apoiando-se no método e postando-se em atitude fenomenológica, Heidegger elabora tal análise obedecendo ao lema da escola da fenomenologia que propugna um ir: “às coisas mesmas” (Heidegger, 1927/1977, p.66). Assim, enfoca fenômenos procurando intuir *como* eles se mostram, fazendo disso um modo de conhecer. O próprio autor elucida essa atitude prescritivamente: “Simplesmente temos que descrever o que é mostrado quando vemos. [...] devemos abordar os fenômenos sem pressupostos, sem deixar que interfiram as descobertas da psicologia, da fisiologia e da epistemologia.” (Heidegger, 1987, p. 74, tradução nossa). Daqui depreendemos que uma fenomenologia da existência deve orientar-se estritamente pelos fenômenos, ater-se àquilo que se mostra e saber tomar desses o seu sentido determinante para compreender o que significam, o que são. (Heidegger, 1927/1977). Uma vez que, para o filósofo, o humano seria o único que pode compreender e questionar o sentido das

⁵ Exemplo dessa apropriação são os “Seminários de Zollikon”, ocorridos entre os anos de 1959-1969. Nesses, a convite do psicólogo e psiquiatra Medard Boss, Heidegger esteve naquela cidade suíça, junto ao lago de Zurique, para dirigir seminários privados nos quais se apresentava a assim chamada “Daseinsanalyse”.

experiências existenciais, é dele que deve partir uma investigação do fundamento. A filosofia de Heidegger indica que o humano é um ente que possui parentesco com o ser; em seu sentido fundamental, ser-humano significa, antes, ser-aí, um ser determinado em situação. Dessa sorte, a fenomenologia de “Ser e Tempo” não deixa de observar a ideia de transigir com o que o fenômeno do ser-aí é.

Tal investigação, assim, exige tanto mais que operar um método, cumpre ainda manter-se *desperto ao fenômeno*, o que requer a aptidão de um olhar que não se contenta com pressupostos de obviedade, sendo, em vez disso, *um ver percuciente do que se apresenta em situação*, naquele momento da existência do ser-aí. Deste modo, é possível acompanhar o ser-aí em seu processo de singularização por meio de escolhas significativas. Algo a propósito disso temos quando Heidegger (ao orientar o psicólogo Medard Boss na elaboração de uma palestra a ser proferida em Harvard) recomenda:

Devemos praticar a psicologia, a sociologia e a psicoterapia para ajudar as pessoas a alcançar a adaptação e a liberdade no sentido mais amplo. Isto afeta tanto os médicos como os sociólogos, uma vez que todos os distúrbios sociológicos e de saúde do indivíduo são distúrbios de ajustamento e de liberdade. (Heidegger, 1987, p.78, tradução nossa)

Pensando assim a terapia, fica claro que o “querer-ajudar” clínico (Heidegger, 1987, p. 80) trata sempre do modo de *existir* e não de um “funcionar”, já que o em jogo não são funções psíquicas carentes de conserto. Tal solicitude acompanha a liberação do aprisionamento em uma interpretação que faz com que o humano se compreenda como um dado, perdendo de vista sua situação de livre para poder-ser.

66

SER-AÍ: EXISTÊNCIA, REALIZAÇÃO E DECISÃO

Compreendendo a experiência humana como *liberdade para poder-ser possibilidades*, nossa existência seria algo sempre por se realizar, e esta seria orientada por sentidos diretores desse tornar-se quem se é. Este ente de existência e poder-ser (que se faz por meio de suas realizações e escolhas de sentido) corresponde à experiência paradigmática do humano; a ele Heidegger chama de *ser-aí (Dasein)*. Esse ente de poder-ser e existência, e de decisões existenciais que implicam sentidos de realização, também comparece a uma visada da psicologia fenomenológico-existencial. É, por exemplo, o que se tem no escopo da assistência a mulheres e casais que pretendem filhos. Ali se vê esse que se realiza no movimento do existir. Essa acaba sendo circunstância privilegiada para o que Heidegger, já no início de “Ser e Tempo”, indicará como o caráter de singularidade deste ente, na chave do ser “sempre e a cada vez meu” (Heidegger, 1927/1977, p.35). *Ser meu* é existencial indicativo de que o ser-aí é a sua possibilidade na existência. Daí se afirmar que o ser-aí é este que pode, desde este modo de ser, escolher-se e, por isto mesmo, igualmente perder-se e voltar a conquistar-se ou nunca mais conquistar-se. Ressalte-se que o ser-aí não é nada antes de realizar suas possibilidades na existência. Justamente por isso, não pode ser objeto de teorização, não pode ser explicado ou tratado segundo determinações e definições. (Heidegger, 1987). O ser-aí é então descrito fenomenologicamente como aquele que

A decisão pela maternidade entre o impessoal e o próprio:
uma visada desde a psicologia fenomenológico-existencial

tem seu ser em jogo, sendo, portanto, compreendido por Heidegger, como este que se faz sempre em sua dinâmica existencial.

O ser-aí já é sempre num mundo fático sedimentado, do qual recebe as orientações necessárias para realização de seu poder-ser. Em vista disso, tende a deixar-se a absorver na semântica de um mundo no qual ele já sempre e a cada vez se encontra. Um tal fato acaba por repercutir em sua analítica existencial (*Daseinsanalytik*), bem como, posteriormente, no que se chamará Daseinsanálise (*Daseinsanalyse*). Segundo Alice Holzhey-Kunz (2014/2018), seria desde essa constituição de ser determinada que Heidegger começa a sua análise dos modos com os quais o ser-aí, enquanto este ente que existe no mundo, pode compreender a si de modo próprio ou impróprio, quer dizer, parte da assim chamada cotidianidade mediana. Em sua análise, o filósofo evidencia elementos com papel decisivo na investigação. Em suma, a essência do ser-aí é a existência, já que ela é o fazer que o realiza; assim, o ser-aí cuida pelo que faz de si mesmo ao existir, não havendo uma *essentia* pronta; uma vez sendo, se relaciona com seu ser. As características do ser-aí são sempre modos possíveis de ser. Ele só se descobre em seu ser na medida em que toma para si um modo possível de ser.

Vemos que o ser-aí difere dos demais entes: o caráter de abertura à compreensão de seu próprio ser e ao ser dos entes no mundo é que faz essa diferença face aos demais, aos quais a *existentia* é simplesmente dada. Nesse contexto, tem lugar o conceito de cuidado, como a essência da existência do ser-aí; esse envolve, no momento que nos interessa aqui, a determinação da ocupação que o ser-aí tem junto aos entes que se dão ao ser no mundo em suas circunstâncias. (Kahlmeyer-Mertens, 2008). Depreende-se daqui que o ser-aí jamais vive solipsisticamente, ele está sempre num modo de comportamento que se refere a outro ente, seja no modo de ocupação ou de preocupação.

Enquanto modo de ser do humano, o ser-aí tem suas possibilidades realizadas em seus comportamentos junto aos entes que lhe vêm ao encontro. Daí, para investigar este existente é necessário tomar antecipadamente a totalidade do fenômeno ser-aí, para poder descrever as possibilidades mais próprias dele, tematizando que, em sua estrutura fundamental, este se dá como um ser num cuidar, como cuidado.

COTIDIANIDADE MEDIANA E IMPESSOAL, A QUEDA DO SER-NO-MUNDO

Para aludir a essência da existência do ser-aí como cuidado,⁶ o filósofo necessita tomar tal ente desde o modo com o qual ele imediatamente se apresenta, e isso significa em sua existência cotidiana. Descrever o ser-no-mundo no cotidiano é considerá-lo nos contextos imediatos de sua existência mundana, ou ainda, na correspondência existencial que tal ente possui com sua experiência de mundo. Para Heidegger (1927/1977), o ser-no-mundo se expressa como um ser-lançado-em-mundo.

⁶ Na impossibilidade de tratar do existencial cuidado no espaço desse artigo, em coerência a sua delimitação temática, recomenda-se a leitura de Kahlmeyer-Mertens (2007; 2008).

Mantendo, assim, ligação com seu caráter de ser de fato, o ser-no-mundo comporta-se junto aos entes que vêm ao seu encontro nesse horizonte mundano; de maneira similar, o ser-no-mundo também coexiste com outros do mesmo modo de ser. Assim, na medida em que existe no mundo junto a outros seres-aí, compartilha um conjunto de sentidos e significações já consolidados no mundo fático em que está, o que reforça certa tendência de existir em contextos segundo a significância desse mundo que orienta seus comportamentos.

Um tal comportamento é característico do ser-no-mundo desde aquilo que Heidegger nomeia cotidianidade mediana, na qual este se vê decaído e alinhado a um modo de ser impessoal. (Heidegger, 1987) Desde o denominado impessoal, o ser-no-mundo interpreta a si segundo os outros, isso significa que o ser-no-mundo pensa e se comporta como normalmente *se faz e se expressa* constantemente desde o empenho de fazer-se com os outros. *Os outros* aqui não significam pessoas ou grupos com influência ou autoridade específica sobre o ser-no-mundo; “outros” diz de todos que coexistem no mundo cotidianamente; da mesma maneira, de ninguém em particular, por não possuir identidades que prescrevem diretrizes de conduta e modos padronizados de se portar, nas inúmeras demandas do cotidiano. (Kahlmeyer-Mertens, dos Santos, 2020). Obedecendo regras tácitas definidas por uma maioria indistinta e assumindo modos de procedimentos adequados a um mundo compartilhado, o ser-no-mundo é levado por comportamento impessoal com relação aos outros e a si mesmo. Vê-se, assim, o ser-no-mundo desde modos de ocupação que encontram o respaldo nas diretrizes desse domínio indeterminado.

68

O ser-no-mundo, nesse módulo, não responde por sua existência, o que nos permite estimar o quanto esta passa a lhe ser cômoda. Afinal, desde este modo de existir cotidiano, o impessoal pretende nutrir e direcionar a existência plena e própria, o que traz para o ser-aí uma calma para qual tudo aparenta estar na ‘melhor ordem’. (Heidegger, 1927/1977) O ser-no-mundo decaído é, para si mesmo, tão tentador quanto entorpecente. De certo modo, a dimensão impessoal da existência permite que esta se conduza baseada naquela, pois, desde este modo peculiar de comportamento, pode-se assumir, acatar, escolher, resolver, opinar sobre tudo sem dificuldade, já que não existe ninguém que precise responder por isso, afinal tudo está predeterminado em sentidos de um mundo de todos. O impessoal, assim, predetermina e prescreve como auto interpretamo-nos e, em razão disso, que sentidos devemos nutrir que comportamentos devemos ter. Enfim, desde a tutela prescritiva de comportamentos normatizados e opiniões niveladas todo existir parece ter ficado mais abrandado, desonerado de gravidade; nada mais parece ser decisivo nele e a existência passa a não ser mais o *ethos* da conquista do próprio ser. Pode-se dizer que, no-mundo, o ser-aí tem seu encontro com os entes e seu encontro com os outros, porém, ao se deixar absorver nos diferentes modos decadentes de relação com esses, o ser-no-mundo perde de vista exatamente a si próprio. (Casanova, 2021).

A partir do exposto, é fácil compreender a impropriedade, além de oferecer ao ser-no-mundo uma ideia vaga de estabilidade. O que é uma equivocada associação ao modo de ser dos entes em geral (*existentia*), faz também com que ele perca de vista o

caráter dinâmico de sua existência e, com isso, a evidência de seu caráter de possibilidade.

Considerado em sua existência, observa-se que o ser-no-mundo não está imediatamente nivelado com a verdade de sua existência. Isso requisitaria uma atenção aos aspectos ontológicos deste existir, cuidado improvável em meio à cotidianidade. Desde aí, Heidegger (2012) afirma que o comportamento do ser-no-mundo na existência mediana é impróprio, nesse caso, não apropriador de sentidos próprios à existência. Ele associa às noções de impropriedade e queda, referindo-se ao fato de o ser-no-mundo não se apropriar de si, em outras palavras, de não se apossar de seu traço mais próprio que, como sabemos, é o poder-ser, enquanto ex-siste. (Casanova, 2021). Não se apropriando de sentidos próprios a si, o ser-com os outros exerce, por vezes, influxo desviante do modo mais próprio do ser-no-mundo existir; diante disso, a impropriedade assume sua feição de queda e de impessoalidade.

Para Heidegger, entretanto, a assim chamada queda é um modo de ser na cotidianidade, uma vez que, de início e na maior parte das vezes, o ser-aí está em relação com o mundo e deste modo não só corre o risco de perder-se de si mesmo, quanto realmente se perde numa interpretação impessoal de si. Para o filósofo, isso faz parte da existência, se considerarmos que este ente de possibilidades pode-ser tanto próprio quanto não-próprio. É possível considerar, assim, que o ser-aí enquanto ser-no-mundo é o modo de ser do humano e será determinado de acordo com as possibilidades que ele conseguirá lidar com aquilo que chega até ele. Destarte, para investigar o ser no seu hoje, será imprescindível tomar primeiro a totalidade do fenômeno ser-aí, ou seja, o impróprio, para num segundo momento poder desvelar as possibilidades mais próprias desse ente que acaba se determinando como cuidado, que faz parte da constituição da existência. (Kahlmeyer-Mertens, 2007).

Em “Ser e Tempo”, Heidegger aponta que o decair no mundo está relacionado ao empenho na coexistência, na medida em que esta é guiada pela falação, curiosidade e ambiguidade. A queda é, portanto, determinação existencial do ser-aí, mas não se refere a algo dado, é um modo existencial do ser-no-mundo, trata-se de um poder-ser-no-mundo, embora no modo da impropriedade que quer dizer, um não próprio, e não a negação de uma existência possível. De tal sorte que: “A existência não é algo que permanece estável apesar da queda da existência cotidiana, mas apenas uma percepção modificada da vida cotidiana. Queda é um conceito ontológico de movimento”. (Heidegger, 1927/1977, p.245, tradução nossa). Próximo aos entes do mundo, o ser-no-mundo acaba se ocupando deles como manuseáveis em certa ocupação que se refere ao modo, ao movimento existencial do ser-no-mundo. Assim o ser-no-mundo vai se construindo, se realizando enquanto existente, a partir dos modos de ocupação. Heidegger procura mostrar que estamos sempre lidando junto a algo, ocupados num afazer. Até mesmo o que poderia ser conhecido como desocupação (p.ex.: ócio, folga, renúncia, omissão etc.) compreende nesse caso, o estar ocupado em evitar ocupações. E através desses modos-de-ser da ocupação, o ser-no-mundo existe junto aos entes intramundanos e por meio dos seus comportamentos o ser-no-mundo, realiza seus projetos existenciais, se tornando o ente que é na medida de suas possibilidades.

A experiência do mundo, na forma de sua mundanidade, portanto, é constituinte da existencialidade do ser-aí. E essa experiência Heidegger caracterizou como mundanidade, porém, essa maneira de se experimentar não traz ao ser-aí transparência quanto ao seu modo de ser e existir. O modo como este se vê normalmente ocupado junto aos entes faz com que ele se distraia desse *modus* existencial de ser, obscurecendo por completo os fenômenos eles mesmos. Este comportamento, da mesma maneira que nos captura na lida prática, está, nesse caso, articulado e orientado por um ver circunstancial e obscurece a compreensão de nosso caráter constitutivo de existente possível (do ente que pode-ser).

DECIDIR POR... ANTECIPAR-SE A...

Se até o presente, nosso artigo tratou da filosofia de Heidegger no que ela evidencia o nosso caráter de existência e poder-ser, isso não é por acaso. Todo o movimento que nos trouxe aqui busca embasar que algo como uma escolha, como a da maternidade, implica sempre a realização de uma possibilidade do ser-aí que somos. E que, decidir por algo assim, implica ter de lidar com as interpretações que fazemos de nós e das circunstâncias medianas nas quais já assumimos estas interpretações que, em grande medida, dirigem nossos comportamentos. Desse modo, mais do que um ato de vontade, implica um lidar com os sentidos da existência, dos sentidos que conduzem nossos comportamentos e da maneira própria (ou imprópria) que esses comportamentos se articulam em face dos sentidos. Dito isso, faz-se necessário um tópico no qual a decisão, enquanto um fenômeno existencial, deve ser caracterizado para que, frente a mais essa noção da fenomenologia de Heidegger, possamos chegar adequadamente ao núcleo de nosso tema.

Decisão antecipadora é direção assumida mediante ausculta dos sentidos da própria existência, a isso Heidegger chama, em "Ser e Tempo", de ouvir o chamado da consciência (*Gewissen*). Portanto, não é uma decisão baseada numa posição idealista ou que envolva um juízo racional emitido por uma subjetividade, trata-se de literalmente um "fechar" (*Entschlossenheit*) com uma determinada possibilidade significativa de meu ser na existência. É decisão com a qual se fecha em confrontação com a angústia, este afeto que nos libera momentaneamente da situação de absorção na significância do mundo cotidiano para abrir ao silêncio do próprio poder-ser.

A angústia, para Heidegger, mais do que um fenômeno psíquico no qual se tem o incômodo próprio a um transtorno de humor, é chave para o ser-no-mundo, livre da atração dos entes de ocupação e dos influxos dos outros sobre os sentidos de sua existência. Na suspensão dos ruídos do mundo promovida pela angústia, o ser-no-mundo por esta afetado pode então escutar o ser de seu próprio destino e isso significa, ter clareza quanto ao que é decisivo ou mais propriamente significativo a sua existência. A angústia abre espaço para um movimento em direção a sua singularidade, a sua verdade, que, de certo modo, irá orientá-lo, movê-lo em sua existência de modo que veja um sentido em seguir ou não com determinado caminho, com aquela possibilidade que está se abrindo para o ser-aí.

O antecipar em toda decisão é o projetar-se a uma possibilidade que o libera de uma dívida consigo mesmo e de realizar-se ante a um fim, pois toda decisão antecipadora é sempre antecipadora do fim, uma vez que a existência do ser-aí não é ilimitada ou infinita. O limite aqui em questão é a finitude existencial, a saber, o que Heidegger chama de *ser-para-morte* (*Sein-zum-Tode*). Decidir, assim, dá vislumbre do fim na definição daquilo que seria significativo no espaço de existência até a morte. Dizendo de modo ainda mais claro, antecipando-se ao fim na morte a decisão antecipadora é decisão por um sentido próprio e premente à existência do ser-aí, existência esta que, por não ser simplesmente dada precisa ser assumida de alguma maneira no que nela é decisivo. Assim, antecipar-se diz respeito ao modo de ser do ser-aí, ao modo como se estrutura, como se refere ao seu próprio ser. Antecipando-se num lance da existência, o ser-aí coloca em jogo o seu próprio ser, por meio do exercício de atingir um sentido da existência, num projetar-se desse ente para suas possibilidades.

Evidenciamos assim o quanto a filosofia de Heidegger, em sendo uma filosofia da existência, é também uma filosofia da finitude ou, por outras palavras, seria uma filosofia da existência finita. Nesse cenário, cabe então indagar: *sendo a existência finita, sendo o ser-aí um ser-para-morte, o que cabe no interior dessa existência?* Respondendo com outra pergunta: se minha existência é finita e se eu sou possibilidade, que possibilidades eu posso assumir ao longo da minha existência, que façam sentido para mim? Ora, o fim é uma realidade se eu não fizer, se eu não me realizar agora, pode ser que amanhã eu não resolva, que eu não me realize, então o fim é o que oferece para nós premência, é preciso fazer antes que o fim se dê, o grande problema é que o ser-aí quedado na cotidianidade mediana existe como se não fosse morrer. (Fuchs, 2013/2018). Confrontado com o seu poder-ser, o ser-aí descobre na angústia que no fundo precisa fazer algo diante do espaço de tempo que é finito e aí é a morte, o fim definitivo que nos confronta com a ideia de necessidade; afinal, onde é possível nada é verdadeiramente necessário, se eu posso fazer hoje, amanhã ou depois de amanhã... significa que nada na existência é decisivo, a finitude é aquilo que nos confronta com necessidade.

71

A MATERNIDADE ENQUANTO DECISÃO, DOIS RELATOS DE CASO

No percurso realizado na clínica de reprodução humana assistida, prestando serviços na área das avaliações das situações dos casais que buscavam, através de técnicas, facilitar a realização do projeto de engravidar, era notório que cada casal tinha um motivo diferente sobre a escolha pela maternidade. Os motivos, segundo analisamos, eram, na maioria das vezes, extrínsecos a uma existência própria. Dessa feita, era comum escutar que engravidar era um dever, algo já determinado de antemão na vida de qualquer pessoa após o casamento, ou o motivo tinha como base uma ilusão ou idealização de que a criança traria a felicidade, a alegria que faltava na casa.

Algumas mulheres imaginavam que, com a maternidade, conseguiriam se sentir completas, que iriam preencher o vazio que sentiam em sua existência. Alguns casais

sentiam o desejo de realizar os sonhos de seus pais de se tornarem avós. O medo de envelhecer sozinhos era outro motivo apresentado por alguns casais que acreditavam que era dever dos filhos cuidar dos pais idosos, uma vez que foi desse modo que aprenderam. O temor da exclusão do círculo social de amigos que tinham filhos e o não poder dar continuidade a história da família de origem era outro motivo que fazia com que os casais buscassem o tratamento para engravidar.

Quando se tinha a oportunidade de ouvir os casais, porém, o atendimento se dava de modo muito cuidadoso, procurando dar tempo e licença para que os pares pudessem se expressar, de modo mais livre, o mais à vontade possível, os seus anseios em relação ao que pensavam, sentiam dúvidas em relação ao tratamento, era explicado que o objetivo era ajudá-los. A medida em que a relação de confiança ia sendo construída, eles se abriam, se mostravam. Em seguida, era oferecida assistência para que, se quisessem, poderíamos buscar compreender juntos o sentido daquela experiência, daquela emoção.

Após essas considerações introdutórias aos *relatos de casos*, podemos passar a eles e a sua consecutiva análise.

Situação clínica 1

Tratava-se de um casal de meia idade de classe média alta. Sandra e Ulisses⁷ procuraram pelo serviço de reprodução humana assistida para realizar o sonho de serem pais. Recorreram ao serviço pois já vinham tentando por mais de três anos e não conseguiam a concepção de forma natural. Realizaram vários exames e não foi encontrado qualquer motivo, nenhuma causa biológica aparente, para que não conseguissem realizar o projeto de ter filhos novamente. O casal já tinha uma filha de sete anos de idade na época em que foram atendidos.

Na avaliação psicológica, Ulisses relatou que seu desejo por outro filho já existia há mais ou menos seis anos, antes de recorrerem às técnicas da reprodução humana assistida; diferente de Sandra, que relatou que o seu desejo veio apenas dois anos antes de procurarem assistência. Ao que tudo indicava, nessa relação, o desejo por um novo filho era próprio do marido e, ao menos inicialmente, ela foi influenciada por ele. Ambos eram de outra cidade e estavam morando em um município diferente dos de seus familiares; por causa do trabalho de Ulisses, moravam eles e a filha, o que era fator de preocupação para ambos.

Segundo narrou, Sandra perdeu o pai quando tinha dois anos de idade e foi criada pela mãe até os quinze anos, quando esta também faleceu. Sandra relata que se sentia muito sozinha e isso pesava para ela, pois estava desempregada há cinco anos. Ficava evidente, nesse caso, a solidão de Sandra, indício de uma falta de si mesma, a falta de poder realizar seu projeto de sentido que passava pela profissão. A solidão é sempre uma possibilidade, ela se torna um peso porque os sentidos expressos e disseminados no mundo acenam que não é possível ser feliz sozinho, que é preciso

⁷ Todos os nomes nos dois relatos de caso são fictícios. Recorre-se aos pseudônimos com o propósito ético de preservar a identidade e privacidade dos atores que gentilmente consentiram ter seus casos documentados nesse artigo.

estar rodeado de inúmeras pessoas, de muitos amigos ou ter uma família grande. Daí, desde este registro mediano, a solidão deveria ser evitada a qualquer custo, como se fosse um mal, um motivo de vergonha. Isso indicia que a solidão se torna um peso quando a pessoa toma para si essa tese consolidada pelos usos do mundo.

O casal estava junto há dezoito anos e, num determinado momento, quando perguntados pela psicoterapeuta sobre se acaso eles pudessem mudar algo na relação o que mudariam, ambos responderam que não alterariam nada na relação, pois tinham um bom relacionamento, mas ele disse que se pudesse mudaria a fase que ela estava passando, pois a percebia mais triste naquele momento. Ele mostrou desconforto com a tristeza dela e, se tivesse controle sobre as suas emoções, mudaria esse estado de humor ou disposição afetiva.

A psicoterapeuta indagou a Sandra se ela também se percebia assim. As lágrimas escorreram imediatamente, ela acenou com a cabeça afirmativamente, mas não sabia explicar muito bem o que sentia, o motivo. Desejava ter mais filhos, assim como ele, de poder preencher a casa que estava vazia, mas que também desejava voltar ao trabalho, porém não conseguia deixar a filha com outras pessoas para ir trabalhar, pois tinha medo de acontecer algo e não conseguir chegar a tempo e se culpava por isso também.

Ulisses interrompeu e complementou a fala da esposa relatando que esse medo poderia ter se originado com ele, pois tinha muita dificuldade em deixar a filha sozinha até mesmo em casa brincando, num cômodo no qual eles não estivessem presentes. Segundo Ulisses, ele vinha de uma família grande, com muitas pessoas em casa ao mesmo tempo, de um ambiente agitado e não se lembrava de ter ficado sozinho em nenhum momento quando criança e que, na vida, raramente tinha ficado só. Por essa sua experiência em família, tinha dificuldade em ser diferente com a filha, inclusive cobrava muito da esposa para também não deixar, mas a filha não tinha problemas em relação a isso, ficava bem só quanto com os colegas, era bastante sociável.

Sandra não tinha tantos amigos. Segundo ela, o motivo era mudar frequentemente de cidade; além de estar, na maioria das vezes, ocupada dos afazeres domésticos e preocupada com a filha. A existência dela naquele momento se resumia às coisas da casa, do marido e da filha. Do ponto de vista de uma psicologia fenomenológico-existencial, podemos analisar que esse era o modo como Sandra estava se ocupando em sua existência, porém não era um modo de ocupação no qual ela se realizava.

O projeto inicial do casal, segundo ela, era de ficar em casa por um tempo para cuidar da filha e depois retornar ao trabalho que tanto amava. Ele relatou que gostaria de ver a esposa trabalhando, que se pudesse trocava de lugar com ela. Quando indagada pela terapeuta há quanto tempo ela se percebia triste daquele modo, respondeu que há mais de um ano. Perguntada sobre o que significava ser mãe, ela respondeu que significa doar tudo (carinho, amor, educação... tudo). Quando questionado pela psicóloga sobre o que significava ser pai, ele respondeu que era educar; acrescentou não ter tido muito diálogo com seu pai e buscava fazer diferente com a filha, procurava estar presente o máximo que podia, brincava muito com ela, quando ele estava em casa.

73

Sandra se dizia pouco paciente, às vezes brigava, se irritava muito com a filha e se sentia culpada, se sentia muito mal depois, chorava e pedia desculpas a filha pelo descontrole. Indagados pela terapeuta sobre se tinham medos, Sandra respondeu que tinha medo de morrer e deixar a filha; já Ulisses respondeu que receava deixar a filha sozinha no mundo, por ser filha única e temia que ela viesse a se ressentir por isso um dia.

Quando questionados sobre se sentiam ansiedade, ela afirmou não se perceber ansiosa, já ele declarou-se ansioso ao extremo. Ulisses tinha muita preocupação com o futuro, necessidade de controle. Em paralelo a isso, ela relatou que, apesar dos anos, ainda não sabia lidar com a perda da mãe. Quando indagada pela terapeuta sobre como se sentiam perante os outros (sociedade, família e amigos), se existia alguma cobrança em relação a ter filhos, ela respondeu que sim, mas que não se afetava com essas cobranças, já ele respondeu que se afetava bastante. Perguntados sobre se já haviam passado por algum acompanhamento psicológico, disseram que não; daí a indagação sobre o que achavam de procurar, pois estava claro que ambos tinham várias questões, vários conflitos que estavam gerando sofrimentos e que mereciam cuidado; uma elaboração de sentidos e significados, lutos a serem elaborados e ficaram de pensar.

Quatro meses depois, Sandra entrou em contato para acompanhamento psicológico, por estar se sentindo ansiosa, além de deprimida; relatou não ter ânimo para nada, que sua vontade era só de ficar deitada na cama. Já tinha tentado uma fertilização *in vitro*, mas teve resultado negativo e estava ansiosa para fazer o procedimento outra vez. Dizia desejar voltar a trabalhar, seguir com sua vida, mas ainda teria que esperar o próximo ciclo que seria no mês seguinte, tinha congelado os embriões. Procurou o serviço terapêutico, pois não estava conseguindo lidar sozinha com a ansiedade da espera, acrescentou que chorava a todo momento e não conseguia se controlar.

No segundo atendimento, Sandra chorou bastante e ficou a maior parte do tempo da sessão em silêncio. Ao final, relatou que não tinha o que fazer, ia fazer uma segunda tentativa e ver o que iria acontecer, que não tinha mais como voltar atrás e desistir. Desde o enfoque fenomenológico-existencial, o que aparece é uma Sandra vivendo conflitos relacionados à decisão pela maternidade, que lhe geravam grandes ansiedades. Ela transitava entre a maternidade, o retorno ao trabalho que era onde via o sentido que cabia em sua existência e a decisão de deixar a filha ser cuidada por outra pessoa com a possibilidade da culpa, caso acontecesse alguma coisa com a filha e ela não estivesse por perto. Além do medo de morrer e deixar a filha sozinha. Ela se permitiu ficar um bom tempo em silêncio. Para se livrar da possibilidade da culpa, e poder morrer bem, ela se lançou em estado de serenidade, ou seja, se abriu ao que estava por vir. Assim, Sandra tomou a decisão de dar seguimento ao tratamento para engravidar e adiar a volta ao trabalho mais uma vez.

Atentos ao que mostra o fenômeno (Situação 1), é adequada a seguinte passagem de Feijoo (2019b):

Precisamos primeiramente ver, escutar, sentir a própria experiência daquele que está à frente de nós, ser tocado, afetado por essa presença imediata, construindo possibilidades para que a linguagem se faça presente no espaço clínico e nós possamos compreender a realidade e o sentido e o significado daquela experiência, que possamos também ser pacientes no sentido de acolher o silêncio do outro, pois esse pode ser muito produtivo, fundamental para que possa retomar ou conquistar a si mesmo. (pp. 22-23)

Seguindo os preceitos da psicologia fenomenológico-existencial indicados na citação acima, sua análise evidencia que o casal Sandra e Ulisses apresentava diversos conflitos relacionados à existência de cada um. Segundo vemos, esses conflitos geravam sofrimentos que acabavam afetando, de certo modo, a preocupação com a filha, uma relação de superproteção e a própria relação do casal, e que poderiam ser acompanhados em psicoterapia. Segundo uma indicação formal, no entanto, eles não estavam dispostos naquele momento a solucionar seus conflitos relacionados a lutos não elaborados, ao medo da solidão, a necessidade de controle que gerava muita ansiedade, questões também ligadas ao que interpretavam como zelo. Há acenos para o fenômeno significativo de que Sandra tomara sua decisão influenciada pelas preocupações do marido, que ao longo do tempo, na convivência junto dele foi se apropriando como se a decisão fosse genuinamente dela. Depreende-se, assim, que Sandra não conseguiu se desvincular dele no sentido de se apropriar de sua decisão.

75

Situação clínica 2

Márcia procurou o serviço de reprodução assistida sozinha, sem o marido, com o objetivo de engravidar, pois tentava há anos e não conseguia. Na meia idade, estava acima do peso ideal, fatos esses que poderiam estar dificultando a gravidez.

Ao iniciar a entrevista, com o intuito de ganhar compreensão da situação concreta, a psicoterapeuta perguntou sobre o fato de ela não ter vindo acompanhada pelo marido, a paciente começou a chorar e não conseguiu falar nada. Parecia neste momento ser tomada por desespero. Em outro atendimento, ela também chorou muito, mas conseguiu falar que o marido não queria ter filhos, mas que ela iria tentar mesmo assim.

A psicoterapeuta indaga, então, sobre como ela pensava em fazer, como seria para ele e para a relação deles. Ela chorou novamente e falou que a relação já não estava boa há algum tempo, que se sentia solitária, que se encontrava sem ânimo para viver, apresentando sinais de depressão e ansiedade. Comia compulsivamente e fazia uso reiterado de bebida alcoólica; no decorrer das conversas foi perguntado sobre o sentido de ter filhos para ela e como tinha feito a escolha por filhos. Ela chorou muito novamente, depois de algum tempo conseguiu falar que também não queria ter filhos, mas que a mãe queria um neto e cobrava dela. Ela sempre cuidou de sua mãe e, depois que seu pai faleceu, achava que tinha que realizar tal desejo da mãe. Além disso, as amigas todas estavam tendo filhos e ela tinha medo de não ser mais convidada para estar em seu círculo por não ser também mãe, as mesmas a questionavam, sobre

quando iria ter, faziam comparações e mostravam que só faltava ela do grupo a engravidar.

Divisando fenomenologicamente – em compasso com o que descreve Alice Holzhey-Kunz (2018/2023), em seu livro – fica nítido ao psicólogo como a influência do impessoal pesa, como gera sofrimento, quando a pessoa não questiona as verdades preestabelecidas, sedimentadas enquanto sentidos de um mundo, ela passa a acreditar que *deve*, que *tem que atender* às expectativas dos outros, para sentir que assim estaria cuidando da mãe, para se sentir amada, aceita e incluída na sociedade e com isso acaba perdendo as suas próprias referências. Márcia e o marido, contudo, gostavam de viajar, apreciavam a liberdade de sair sem compromisso e achavam que com filhos essa atividade ficaria mais difícil, que atrapalharia esse projeto, por isso ele não quis ir com ela à clínica, o que indicava que não era um projeto em comum, tampouco dele e, na verdade, nem mesmo dela.

Durante as sessões, a paciente decidiu interromper o tratamento no centro de fertilização, mas optou por seguir com os atendimentos psicológicos com a mesma terapeuta e, depois de algum tempo, avaliando as reais possibilidades e sentidos de sua existência, decidiu que não teria mais filhos e que ficaria bem exercendo o papel de tia, de profissional, e que permaneceria com o projeto inicial do casal. Por meio do acompanhamento psicológico, ela conseguiu chegar a uma decisão que podemos chamar de própria. Compreendeu claramente que ter filhos não cabia em sua existência e nem na do marido. Conseguiu ouvir a sua própria voz e apropriar o que fazia sentido para ela, singularizando-se, reafirmou-se no sentido de não ser mais afetada por cobranças impessoais.

Passado um ano, Márcia procurou novamente o serviço, emagrecera, fazia atividade física, cuidava da alimentação e estava feliz com seu corpo. Mesmo recebendo críticas quanto a estar mais magra, estava se sentindo bem, com sua autoestima elevada, bem diferente do nosso primeiro encontro. Agora buscava acompanhamento psicológico pois gostaria de aprender a lidar com o marido, queria aprender a viver bem e ser feliz com ele. Já não mais orientava a existência segundo ditames impessoais, não seguia mais as determinações genéricas ditadas pelo costumeiro, aprendeu a se apropriar de si mesma, desenvolveu responsabilidade por sua existência, o cuidado de si mesma. Abriu-se para ela uma nova relação com a comida, com a bebida e com o corpo. Procurava acompanhamento psicológico para que pudesse conquistar outro modo de se relacionar com o marido, para que a relação fosse livre de aborrecimentos e conflitos, que geravam sofrimentos.

Em uma interpretação fenomenológico-existencial dessa situação psicológica, o que se evidenciou foi a dor e o sofrimento de Márcia, o desespero por não poder ser si mesma. Dor e sofrimento aconteceram pela ausência do marido na clínica, e se manifestaram através do choro; vivia o descompasso entre o que ela queria, o que devia e o que não poderia. Ela não conseguia se livrar da dor. Dava mostras de estar muito ligada à mãe e às amigas. Já com o marido, o vínculo não estava tão forte assim, ele sabia o que fazia sentido para a existência dele.

Ela não conseguia ver uma saída possível. Foi educada para ser submissa, para servir e agradar a mãe e aos outros, ou seja, tinha muitos deveres e poucos direitos de

decisão como a maioria das mulheres em nossa sociedade. Romper com toda essa estrutura, que já estava consolidada em seu modo de ser e se relacionar, não era uma tarefa fácil para ela sozinha, naquele momento, o medo a paralisava.

Avaliamos ter sido um gesto de coragem o dela, de se permitir atravessar toda sua dor e sofrimento e assim poder superá-los e se conquistar, conquistar a sua liberdade de poder ser, o que quisesse ser e fazer com sua existência. O saldo dessa análise é corroborado e encontra remate na letra de Feijoo (2019b) que diz: “Cabe a nós psicólogos sustentar esse espaço da dor, para que a pessoa que está a nossa frente se sinta compreendida e possa assim se sentir livre para compartilhar a sua dor, se mostrar em todo seu ser, em todo seu poder ser” (p. 23).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar se a decisão pela maternidade se dá segundo uma ordem natural ou se acontece em uma decisão face às possibilidades significativas da existência, como fenomenologicamente descrita na analítica existencial de Martin Heidegger, foi o objetivo da pesquisa. Por meio de estudos da analítica existencial – mas com legítimo interesse psicológico – foi possível compreender que a existência humana não é simplesmente dada e, por isso mesmo, tudo em seu âmbito se constitui num movimento de essencialização, de realização. Como se viu, o ser-aí não é apenas um ser simplesmente dado e, apesar do mundo lhe apresentar inúmeras possibilidades, nem todas irão fazer sentido para cada ser-aí, em sua existência finita. Isso faz com que uma tal existência se realize mediante escolhas que nos determinam, ainda que haja elementos desviantes que possam fazer com que existamos orientados por sentidos impessoais, em vez de sentidos próprios, singulares, a tal existência significativa.

Tomando por tema a decisão sobre a maternidade e questionando sobre como ela ocorre na existência de candidatas a mães, contamos com dois relatos de situações clínicas justamente com este público. Por meio da análise desses casos, foi possível observar como o ser-aí sofre com o poder da influência do impessoal e o quanto o não se apropriar das escolhas de sentido próprio pode gerar dores e sofrimentos possíveis de acarretar, inclusive, adoecimentos

De nossos movimentos no presente artigo, depreendemos que uma decisão própria é uma decisão antecipadora, já que o ser-aí está nesse momento antecipando-se diante da possibilidade de realizar as escolhas de sentido cabidas a sua existência, ouvindo o chamado do que é necessário realizar antes de seu fim. Foi possível identificar o quanto o estar com o outro pode fazer a diferença na construção da singularidade, tanto nos casos do acompanhamento psicológico quando, por exemplo, escolhas decisivas como a de ser pai e mãe estão em jogo.

Depreendemos que exigências estranhas à existência exercem influxos e podem provocar dor e sofrimento em candidatas a mães, já que, por vezes, são confrontadas com cobranças estranhas ao sentido de seu projeto existencial, como, por exemplo, exigências familiares e pressões sociais. Considerando isso, julgamos poder afirmar que, por vezes, casais escolhem ter filhos nem tanto por uma decisão significativa singular, mas seguindo derivadamente uma diretiva impessoal. Do mesmo modo que,

77

a luz de uma psicologia fenomenológico-existencial, ter filhos pode ser uma decisão cheia de sentido e não somente a obediência a um sentido normal ao projeto cotidiano de um mundo sem singularidade no qual o ser-no-mundo, no início e na maioria das vezes, se vê absorvido. Nesse caso, escolher ter filhos seria resultado de decisão antecipadora do sentido em face da finitude existencial.

REFERÊNCIAS

- CASANOVA, M. *Existência e transitoriedade: Gênese, compreensão e terapia dos transtornos existenciais*. Rio de Janeiro, RJ: Via Verita, 2021.
- DASTUR, F. & CABESTAN, P. *Daseinsanálise: Fenomenologia e psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Via Verita, 2015.
- FEIJOO, A. M. L. C. A psicoterapia em uma perspectiva fenomenológico-existencial. In: ANGERAMI-CAMON, V. A. et al. (Org.). *Psicologia fenomenológico-existencial*. São Paulo, SP: Thompson, 2002, pp. 131-153.
- _____. *A existência para além do sujeito: A crise da subjetividade moderna e suas repercussões para a possibilidade de uma clínica psicológica com fundamentos fenomenológico-existenciais*. Rio de Janeiro, RJ: Edições IFEN; Via Verita, 2019a.
- _____. Dor, Sofrimento e Escuta Clínica. Em: *Arquivos do IPUB*, v.1, pp. 22-23, jan./abr. 2019b.
- FUCHS, T. *Para uma psiquiatria fenomenológica: Ensaios e conferências*. Rio de Janeiro, RJ: Via Verita, 2018.
- HEIDEGGER, M. Sein und Zeit. In: *Gesamtausgabe – I. Abteilung: Veröffentlichte Schriften 1914-1970*. Band. 2. Frankfurt am Main, FRA: Vittorio Klostermann, 1977.
- HEIDEGGER, M. *Zollikoner Seminare*. Organizado por M. Boss. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1987.
- HOLZHEY-KUNZ, A. *Daseinsanálise: O olhar filosófico-existencial sobre o sofrimento psíquico e sua terapia*. Rio de Janeiro, RJ: Via Verita, 2018.
- _____. *Ensaios sobre o sofrimento humano: A existência entre esquecimento de si e lembrança emocional*. Rio de Janeiro, RJ: Via Verita, 2023.
- KAHLMEYER-MERTENS, R. S.; SANTOS, G. A. dos. *Befindlichkeit e Stimmung*, das tonalidades afetivas na analítica existencial de Heidegger. *Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia*, Rio de Janeiro, 2020, v. 9, n. 1, p. 179–194. DOI: 10.12957/ek.2020.49403. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/Ekstasis/article/view/49403>. Acesso em: 24 abr. 2025.
- KAHLMEYER-MERTENS, R. S. Cuidado, educação e singularidade: Ideias para uma filosofia da educação em bases heideggerianas. Em: *Princípios: Revista de Filosofia*, n. 15 (24), pp. 209-223, 2008.
- _____. Heidegger educador: Acerca do aprender e do ensinar. Em: *Aprender - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação*, pp. 161-171, 2007.

Submetido: 24 de maio de 2025

Aceito: 11 de junho de 2025

A decisão pela maternidade entre o impessoal e o próprio:
uma visada desde a psicologia fenomenológico-existencial